

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

UMA EXPLOSÃO DE IMAGENS E SONS: ONDE ESTÁ SEU OLHAR?

Gisely Valentim Vaz Coelho Hime é graduada em Jornalismo (1987), com mestrado (1997) e doutorado em Ciências da Comunicação (2002) pela ECA/USP. Pertence ao Programa de Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAMFAAM Centro Universitário.

Resumo: A prodigalidade em imagens e sons caracteriza as narrativas midiáticas no século XXI. Sendo assim, entre as principais características dos Meios de Comunicação estão, fundamentalmente, dois objetos que, segundo Jacques Lacan, não têm imagem especular: o olhar e a voz. Eles constituem a metonímia do ser e dão conta ao sujeito de que existe algo que o separa do mundo. Tal separação é a responsável pela introdução do indivíduo no simbólico, nível em que se dá a relação com os Meios de Comunicação. É a junção dos fragmentos do visto e do ouvido que permite a construção do *fantasme* - tela (*écran*) onde se projetam as imagens, na relação do sujeito barrado (\$) com o outro (a). Este artigo se propõe a refletir sobre duas questões fundamentais: a correspondência entre as imagens projetadas no *écran* e as projetadas pelos Meios de Comunicação, em suas multiplataformas; e a possibilidade de serem os Meios de Comunicação, em sua concepção atual, a materialização do *écran*.

Palavras-chave: Multiplataformas Digitais; Jacques Lacan; Narrativas Midiáticas

Introdução

No século XXI, entre as principais características dos Meios de Comunicação está a prodigalidade em imagens e sons, fundamentalmente, portanto, dois objetos que não têm imagem especular: o olhar e a voz. De acordo com Jacques Lacan, são quatro os objetos sem imagem especular: além do olhar e da voz, o seio e as fezes. Eles constituem a metonímia do ser e dão conta ao sujeito de que existe algo que o separa do mundo. Tal separação - hiância - é a responsável pela introdução do indivíduo no

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

simbólico, nível em que se dá a relação com os Meios de Comunicação. É a junção dos fragmentos do visto e do ouvido que permite a construção do *fantasme* - tela (*écran*) onde se projetam as imagens, na relação do sujeito barrado (\$) com o outro (a). Uma vez apresentada a tese que nos servirá de base em nossa reflexão sobre a Mídia, podemos então nos perguntar: na relação do \$ com os Meios de Comunicação, não ocupariam eles o lugar do a, tornando assim este a uma segunda tela em relação ao *écran*?

Metodologia

O encaminhamento de tal reflexão passa necessariamente pela questão do olhar, discutida à exaustão na obra de Lacan. Segundo o psicanalista, sendo responsável pela captura de imagens, o olho é o órgão do imaginário. Por sua vez, o olhar seria o avesso da consciência, tendo a característica do ser evanescente, ou seja, aquele que desaparece mas deixa traços - os traços significantes. Num paralelismo com a pintura, esses traços seriam as pinceladas que o pintor dispõe aqui e ali, na tela, na busca frenética de uma determinada imagem - pinceladas que instauram no *écran*, a cadeia significativa, sempre sob o olhar atento do pintor. Todo quadro manifesta algo desse olhar. A moral, a pesquisa, a busca, o exercício do pintor são verdadeiramente a seleção de um certo modo de olhar que, finda a obra, será submetido a outros olhares, múltiplos em diversidade. Maurice Merleau-Ponty ressalta a pré-existência do olhar. A propósito disso, Lacan observa: “em minha existência sou olhado de toda parte” (LACAN, 1985, pp. 75-76). E avança: “somos seres olhados no espetáculo do mundo” (LACAN, 1985, p. 73).

Discussão

Tomemos as notícias policiais do programa *Brasil Urgente*, da Rede Bandeirantes, também disponibilizadas no portal da emissora. Partindo das reflexões sobre o totemismo, desenvolvidas por Freud, verificamos que a proibição de desrespeito ao totem impede aos homens de dar vazão às suas tendências agressivas e

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

inconscientes, sendo o rigor da proibição fundado na intensidade do desejo proibido e na universalidade desse desejo. Primeiro alerta: a agressividade é uma característica latente de todo ser humano; sendo assim, o controle dessa agressividade está na base do estabelecimento do laço social. Freud também afirma que o cerimonial da devoração do totem seria a repetição e comemoração do ato criminoso - morte do Pai. Segundo alerta: o retorno do ato criminoso sob uma forma transformada, marca a possibilidade da organização social. Ora, em Lacan, vemos que “se tudo o que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, não é senão na mesma medida em que há a cadeia significante” (FREITAS, 1992, p. 29). Isso nos leva a pensar que a luta entre o Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, também está presente na formação da cadeia significante.

Ao consumir as notícias do *Brasil Urgente*, o público tem um encontro com imagens de violência que reportam para ele, por vezes, imagens pertencentes ao seu dia-a-dia. Sendo assim, aquelas imagens projetadas em sua tela particular são ampliadas no grande-pequeno *écran* dos meios de comunicação. Por outro lado, também constatamos, nesse processo, a repetição do ato criminoso, cotidiano, sob uma forma transformada, uma vez que as telas da TV, computador, tablets ou celulares criam o efeito de dramaturgia do real.

Conclusões

Como o pintor que se sabe observado, e sabe sua obra observada, o sujeito tenta, ao longo da vida, acomodar-se a esse olhar. Ao que perguntamos: tendo em vista a concepção contemporânea dos Meios de Comunicação, são eles que devem tentar acomodar-se ao olhar do espectador (ou ao ouvido do ouvinte) ou somos nós que buscamos desesperadamente acomodar nosso olhar (e ouvidos) ao olhar e voz dos Meios? O olhar que os Meios de Comunicação oferecem coincide com o olhar que o \$ dirige ao mundo? E mais: em nossa relação com os Meios de Comunicação de Massa, não nos colocamos em referência ao a como o olhar vindo de fora,

JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

transformando-nos em deuses, capazes de definir destinos? A quem os Meios de Comunicação dirigem hoje seu olhar? e nós, a quem nos dirigimos? em que medida nossa escolha é sugestionada pelos *Mass Media*?

Parte integrante do cotidiano do Povo, a violência é uma imagem constante no *écran* dos Meios de Comunicação. Retornando a Freud, veremos que a evolução da civilização “representa a luta entre o Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição” (FREUD, 1975, p. 205). Segundo o psicanalista,

a civilização é o trabalho do Eros que se esforça na combinação de unidades cada vez maiores (...); por isso, exige que cada um ceda parte do sentido de sua onipotência, permitindo que a libido, inibida em sua finalidade, favoreça assim o reforço dos laços sociais (FREUD, 1975, p. 205).

O processo civilizatório tem, portanto, “que criar sempre novos meios que limitem essa agressividade original no homem, limitem a sua onipotência” (FREUD, 1975, p. 205). Atuariam nesse nível os noticiários policiais? Considerando os dois alertas iniciais, emprestados à reflexão freudiana, não serviriam tais noticiários como válvulas de panela de pressão, ora controlando, ora deixando escapar, impedindo assim a explosão da nossa precária organização social contemporânea? O público deseja ver recompensada sua luta para controlar a agressividade latente com a punição daqueles indivíduos que não são capazes de fazê-lo. Daí o prazer com que assiste à atuação de figuras como Datena, investidas do manto de paladinos, defensores dos direitos dos cidadãos honestos.

Referências

- FREITAS, Jeanne Marie Machado de. **Bemaldivida**, São Paulo: Edusp, 1992.
- FREUD, Sigmund. **Civilization and its Diskontents**, Standard Edition, Londres, Hogarth Press, 1975, V. XXI.
- LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.